

28 DE NOVEMBRO

Orgão da Comissão eleita no comicio popular de Guimarães em 29 de novembro de 1885

NUMERO 10

Publicação semanal e gratuita

MARÇO 18 DE 1886

«Guimarães pede para ser desannexado do districto de Braga, e fazer parte do districto do Porto. Se os seus interesses estão mais ligados com o Porto do que com Braga, como allegam, parece-nos a pretensão perfeitamente justa. O districto do Porto já é grande, ficará maior, e o de Braga ficará mais pequeno. Não vemos n'isso inconveniente serio. As agrupações territoriaes para os fins administrativos devem ser feitas segundo as tendencias e os habitos das populações, segundo o agrupamento dos seus interesses, e não segundo regras de proporção e de symetria.»

(Jornal do Commercio, n.º 9606, 3 de dezembro de 1885)

Guimarães, 17 de Março

A questão esclarece-se cada vez mais. A' medida que as paixões irritadas no primeiro momento se vão acalmando, e que a frieza e placidez tomam o lugar que aliás deveriam occupar no estado e resolução deste negocio, devemos estar certos que a justiça e direito serão attendidos, qualquer que seja o juiz que tenha de decidir o pleito.

A imprensa periodica do paiz continua a debater a questão, e a opinião geral é evidentemente favoravel á nossa causa, que encontra sympathias em todas as classes e em todas as cidades do nosso paiz.

Uma vez estabelecida definitivamente a corrente da opinião publica, a nossa causa não encontrará adversarios e terá a esperar simplesmente por occasião opportuna para ser resolvida.

E' aquella que fixa d'uma vez a politica dos governos e não a vontade dos homens que os constituem. Estamos muito longe do tempo em que as individualidades pezavam decididamente na resolução dos negocios publicos: a phrase famosa do monarcha francez pertence á historia, e não aos costumes hodiernos.

Uma vez que todos os habitantes do concelho de Guimarães são unanimes no pedido da annexação do seu concelho ao districto do Porto, uma vez que nem uma unica das razões aduzidas tem sido destruida, ou mostrada sem fundamento, justiça lhes ha-de ser feita necessariamente, por isso que nunca no nosso paiz faltou amparo aos oprimidos, nem se esmagou jamais nenhuma população quando requer em nome d'um legitimo direito.

A situação que nos foi imposta pela cabeça do districto no dia 28 de novembro, quando a sua população expulsou violentamente do seu seio os nossos procuradores, e no dia 30 quando os dos outros concelhos funcionavam na ausencia d'aquelles, sabendo-os todavia impedidos por coacção,—esta situação está patente a todos, aos particulares como aos poderes constituídos.

Deixar-nos assim ligados a uma circumscripção districtal onde não poderemos ter mais representantes nossos, devia crear uma excepção ultrajante, para quem apenas soffreu as consequencias de actos criminosos, que não aconselhou nem promoveu, e dos quaes foi unicamente victima.

Para que se consummasse uma tal monstruosidade, seria necessario que do coração de todos se tivessem apagado os sentimentos que são a base do governo de todas as sociedades. Seria necessario que se invertesse mos termos de modo que os innocentes fossem os condemnados.

Mas não podendo ser assim, não podendo acontecer que n'este caso especial, que já não tem segredos para ninguem, se perturbe a rectidão do juizo, que enobrece o nosso paiz, é fora de duvida que a nossa causa terá necessariamente o deferimento que a opinião publica impõe a quem quer que seja que tenha de a decidir.

AS REPRESENTAÇÕES DO DISTRICTO

V

A representação da Camara Municipal de Barcellos é, para nos servirmos d'uma phrase sua, «uma triste nota da nossa decadencia», no que concerne á representação municipal.

Dir-se-hia que o senado barcellense assignou sem o ler um documento, encomendado a qualquer desses jornalistas braguezes, que andaram á procura no lixo das calumnias e das injurias as que mais podiam ferir-nos. Lá vem a provocação dos nossos procuradores na sessão de 28 de novembro—calumnia desmentida no 1.º n.º do nosso semanario, e na qual ninguem ousou repizar, depois do silencio a que reduzimos os que tinham restricta obrigação de nos desmentir a seu turno, em vista da interpellação directa que lhes fizemos;—lá vem a trica das satisfações indecentes dadas a Guimarães pela camara de Braga e Junta geral, satisfações, em que as proprias gazetas braguezas não viram senão trampolinicos politicas (como mostramos no nosso n.º 6);—lá vem a nossa insurreição contra as auctoridades superiores do districto que não permittia apresentarmo-nos de «frente erguida a pedir a separação».

E o projecto de lei? Esse é «filho do capricho, da vaidade, da insurreição», n'uma palavra «uma triste nota da nossa decadencia», e, se passasse, estabeleceria «um precedente subversivo e de consequencias fataes para a administração publica».

Para apreciar devidamente esta verrina é indispensavel ter presentes dous factos:—um dos procuradores de Barcellos foi apupado no dia 28 de novembro, sem que a camara de Barcellos tivesse uma só palavra em sua desaffronta;—a representação que estamos examinando, e onde o horror pela «insurreição» apparece de cabellos estacados, veio em auxilio da capital do districto, precisamente quando ella jurava sobre a pyra resistir ás decisões do parlamento, quebrar as relações com o governo central, appellar para as boccas dos sinos, etc. etc.

Posto isto commentemos. E' insolito que os representantes d'um municipio se ponham a escrever descomposturas descabelladas contra uma terra qualquer, fazendo da secretaria da camara municipal banca de libellistas famosos. Estes desmandos são tanto mais condemnaveis, que a provocação poderia attrahir sobre o povo, que os libellistas dizem representar, represalias que o deixariam a correr sangue.

Nós podiamos perguntar, por exemplo, se para o concelho de Barcellos a dignidade e o brio são palavras vãs, para que a sua camara não sentisse andar-lhe o sangue nas

faces, quando um dos seus procradores foi apupado pela populaça de Braga. Vendo-a receber tão stoicamente esta injúria, sem pelo menos protestar contra ella, como fez a Camara de Famalicão; vendo-a tão biliosa contra os que a repelliram; tão implacavel contra um concelho, que, sendo expulso à pedra e à lama da junta geral por todas as classes de Braga, de mãos dadas com o delegado do governo, rompeu com esta terra, onde tumultuava a anarchia mais desenfreada de que ha memoria; vendo-a enfim defender a torto e a direito este «precedente subversivo» nunca visto, para só condemnar o «precedente» que lhe deu causa—tudo isto deixa-nos concluir que, se as victimas da assombrosa selvageria fossem os procuradores de Barcellos, este povo continuaria no seu admiravel... stoicismo, beijando cada vez mais humildemente a mão que o esbofeteara.

Ora não ha povo nenhum capaz desta abjecção, e por isso dissemos e repetimos que o libello famoso da camara de Barcellos é uma triste nota da decadencia das nossas instituições municipaes.

Nós todos sabemos o que a baixa politica dos nossos tempos fez destes velhos forlins das liberdades populares.

Se as camaras representassem verdadeiramente o sentir e o pensar dos povos; se, no caso sujeito, os seus representantes lhes expusessem a verdade dos factos, em vez de lh'os desfigurar com sophismas grosseiros e de requintada má fé; se lhes fizessem comprehender que os ultrajes feitos ao concelho de Guimarães pela capital do districto eram feitos a todos os concelhos, ferindo-os no intimo de sua honra e liberdade, vel-os-hiamos todos ao nosso lado, desde o infame dia 28 de novembro, e a cidade selvagem ficaria só e abandonada à expiação dos seus crimes. Em vez disso, fomos nós que ficamos sós, nós que sustentavamos uma lucta, em que se tratava da honra e da liberdade dos povos do districto, em quanto estes corriam pressurosos em auxilio da capital criminosa, no mesmo momento em que ella lhes chamava serviços pelas suas gazetas e lhes pregava a revolta contra o governo central.

Paremos aqui. O nosso fim não é fazer uma execução, é mostrar muito à ligeira que a podiamos fazer, e completa. E não reuarmos deante da tarefa, se realmente entendessemos que os concelhos são responsaveis pelo procedimento d'alguns poucos tyrannetes, hoje guelfos, amanhã gibelinos, que põem e dispõem delles como cousa sua. Com estes nem vale a pena combater.

Terminamos pois fazendo votos, por que os municipios surjam quanto antes da ignominiosa «decadencia», que só convem aos desalmados politicos d'officio, a quem importa pouco a deshonra dos povos que os supportam. Tambem elles querem serviços e não homens livres.

Publicamos a mensagem que a benemerita Commissão da classe artistica do Porto entregou à camara municipal no dia 14.

Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr. Presidente e mais Vereadores da camara municipal de Guimarães.

Os artistas vimaranenses residentes no Porto, impulsionados pelo entusiasmo e patriotismo com que a digna corporação mu-

nicipal de Guimarães tem procurado desagrar a honra de Guimarães offendida, vem com espontanea simpatia levantar perante V.Ex.^{as} um brado de reconhecimento e affirmar a sua inquebrantavel adhesão em favor da nossa causa que envolve uma dupla questão de honra e de justiça.

A classe artistica, desprovida da superioridade, que só a illustração confere, sente todavia pulsar-lhe no peito um coração vimaranense.

E acostumada a ser sincera nas suas affirmativas como está disposta a manter inabalavel o seu apoio em favor da terra que lhe foi berço, a classe artistica vimaranense, aqui residente, ao mesmo tempo que applaude a attitude do municipio de Guimarães em face dos acontecimentos de 28 de novembro, ou-san rogar-lhe o seu superior auxilio, fazendo chegar até a Camara dos Surs. Deputados a representacao que entregamos nas mãos de V. Exc.^{as}.

Antonio de Freitas Pires
Manoel José Martins.
Miguel Augusto Ozorio.
João Machado de Carvalho Guimarães.
Manoel de Castro Guimarães.
João José d'Abreu.
Gaspar Leite.
Antonio de Freitas.
José Pedro Guimarães.
José Augusto de Magalhães.
Antonio Fernandes Guimarães.
Manoel Fernandes Guimarães.
Sebastião Fernandes Guimarães.
José Ribeiro de Oliveira.
João Pereira da Silva.
Gonçalo Martins Guimarães.
Domingos José Marques Guimarães.
José Luiz Dias Guimarães.
Francisco José da Silva Guimarães.
Gonçalo Augusto Osorio.
Custodio Coelho.
Antonio Maneta.
José de Barros.
Joaquim de Souza.
João Antonio Pereira.
Sebastião Fernandes.
Sebastião Pinto de Freitas Guimarães:
José Pedro da Costa.
Luiz Fernandes.
Gaspar Ribeiro.
Antonio Ribeiro.
Pedro Fernandes.
Manoel d'Abreu.
Custodio José Duarte Guimarães.
José Antonio d'Abreu Castro.
Salvador Teixeira Guimarães.
João Antonio da Silva.
Alfredo Adolpho Silveira.
Antonio Ribeiro Guimarães.
Domingos da Silva Guimarães.
Antonio Cardoso.
José Maria Vilarinho.
Antonio José Fernandes Guimarães.
José Joaquim Rezende.
Antonio Vaz.
Antonio de Faria Lopes.
Jeronymo Faria Lopes.
Francisco Gonçalves Lobo.
Inizio de Castro.
Joaquim da Silva Guimarães.
José Pires.
Francisco Antonio.
Romão Firmino.
Antonio Joaquim.

Antonio Alves Cardozo.
Sebastião de Souza.
José Ferreira Guimarães.
Manoel Lage.
Antonio José Baptista.
José Pereira.
Avelino José Baptista.
Antonio Mendes d'Oliveira.
João de Carvalho.
Manoel Pereira.
Accacio Joaquim Monteiro.
Manoel de Castro Guimarães.
Francisco de Macedo Fernandes.
Francisco da Costa Guimarães.
Augusto dos Santos Guimarães.
Joaquim Pereira Silva Guimarães.
Manoel de Carvalho.
Antonio Pereira Souza.
José Mendes.
João Sampaio Guimarães.
José Mendes da Silva.
Joaquim Mendes da Cunha.
Antonio Mendes.
Manoel da Silva.
Antonio José Leite.
José da Silva Guimarães.
Antonio Soares de Souza.
Antonio Alves.
Manoel José Cardozo.
Julio de Souza.
Antonio Lopes.
José Lopes da Cunha.
Thomaz da Silva.
Miguel de Freitas.
Antonio Ribeiro Silva.
José Ferreira Guimarães.
Domingos Pereira Guimarães.
José da Silva.
João da Silva Barros Areias.
Francisco da Silva Areias.
Antonio Joaquim Barros.
Antonio José de Mattos.
Antonio Ferreira.
Antonio Barros.
Antonio Pratas.
Domingos Ferreira.
João José Ferreira.
João José de Souza Guimarães.
Bernardo Correia.
Ricardo de Freitas.
José Pereira.
Joaquim Pereira.
José de Oliveira e Silva.
Jeronymo Fernandes Guimarães.
João Ribeiro.
Carlos da Silva Pimenta.
Alipio Pereira de Souza.
Simão Pereira de Souza.
José Pereira.
Sebastião Ferreirr.
Bernardo Aguiar.
Gaspar Leite de Azevedo Guimarães.
Pedro Mendes Guimarães.
Domingos Teixeira Guimarães.
Camillo Ribeiro Cardozo.
Domingos Gonçalves Lobo.
Alfredo José dos Reis.
Antonio José dos Reis.
Alfredo José dos Reis Junior.
José Machado Fontão.
Jeronymo da Silva.
Apolinario Lopes da Silva.
Antonio Saigado.
Domingos José d'Araujo.
Manoel Pereira.
João Gomes.

José Maehabo.
Manoel Machado.
Manoel Machado Junior.
José Mended Jorge.
Balthazar Domingos dos Santos.
Antonio d'Oliveira Guimarães.
José Dias Monteiro.
Augusto Mendes Guimarães.
João Mendes da Silva Guimarães,
Antonio de Freitas Guimarães.
João de Souza Guimarães.
Bento José de Faria Guimarães.
Jacintho Mendes Guimarães.
Antonio Joaquim Perejar.
Manoel Joaquim Pereira.
Manoel Mendes.
José Mendes Guimarães.
João da Silva Exposto.
Francisco Exposto.
Francisco da Silva.
João Ribeiro de Souza.

Os governadores civis vimearanenses

Quando os acontecimentos de 28 de novembro eram cantados como «uma gloria do povo bracarense» e convinha demonstrar o odio velho de Guimarães contra Braga, sem esquecer, está entendido, a inexgotável paciência da capital do districto, o «Amigo do Povo» n.º 797, escrevia:

«No tempo dos governadores civis de Alem-Morreira, Braga, a pacata, Braga, a pacientissima, tinha um canero de mau character, que lhe devorava os tecidos, que lhe exauria as forças; era Guimarães. Extirpado um dia, o diabo do canero indignou-se. Se elle estava tão bem! Se era tão fofo o ninho! Odiar era bom, mas comer, mas devorar era melhor, muito melhor.»

Pelo que se vê do n.º 2 da «Integridade do Districto», estes caneros de mau character foram nove e alguns installaram-se por duas vezes no «fofo ninho», comendo e devorando e odiando a pacientissima Braga.

«A Folha de Braga», n.º 196, trautea a mesma cantiga, mas ajunta-lhe particularidades curiosas. Diz:

«A arruaça praticada aos procuradores de Guimarães despertou ao longe, uma tal ou qual surpresa desagradavel. E' certo. Mas Braga procedendo como procedeu, havia sido provocada por uma desconsideração flagrante, agravada com a circumstancia de ser premeditada e no intuito manifesto de confirmar rivalidades, invejas e odios estupidos para com uma cidade, que sendo capital do districto, nunca se lembrara de reagir (sic) contra a nomeação de governadores civis vimearanenses, nem menospresas pessoas ou cousas da antiga villa (sic). E no entanto, ha mais de trinta annos que Guimarães nos provoca, impando d'um orgulho, que fora supinamente parvo senão fora simplesmente irrisorio e, por conseguinte, digno do desprezo, com que o havemos acolhido. Ora como tudo tem os seus limites, os excessos dos mandões d'alem da Falperra haviam de um dia receber um correctivo nosso. E assim succedeu no dia 28 de novembro findo, e «era necessario que succedesse» afim d'esses senhores se não persuadirem que brincavam com um burgo podre.»

Aqui está o que é pôr tudo em pratos limpos e ser forte em genealogias. Ha trinta annos andados que do desprezo braguez

nasceu o mostrengo que nos dias 28 e seguintes fez diabruras em Braga. Era o encoberto que havia de vingar a terra dos arcebispos contra os excessos dos mandões d'alem da Falperra, para lhes mostrar que aquillo não era um burgo pôdre e que embora tarde e a más horas lhe vinha ensinar porque modo devia ter reagido á nomeação dos governadores civis vimearanenses.

A «Folha de Braga» parece lamentar que o correctivo infligido a estes sujeitos tivesse tão longa incubação. Pois vamos dar-lhe um consôlo ás suas maguas.

A 27 d'outubro de 1884 a «Atalaia do Minho», periodico bracarense, depois de noticiar a chegada d'um governador civil d'alem da Falperra, escolhia para epigraphe d'uma local duas palavras expressivas—trica miseravel—e contava o seguinte:

«Na quinta feira de manhã appareceram quasi todas as esquinas das ruas com pasquins, e constanos que alguns appareceram tambem nas aldeas dos concelhos. Era a segunda edição dos que já tinham apparecido, ha dias, e provavelmente nascidos da mesma fonte. Os pasquins eram allusivos á chegada do snr. governador civil, e «tinham por fim principal aconselhar os povos deste concelho a que dessem uma demonstração de desgosto pela nomeação» de s. exc., elegendo uma camara municipal que lhe fosse adversa etc., etc.»

Fique pois sabeudo a «Folha de Braga» que se, ha quatorze annos, a sua terra ainda não chegava á perfeição de reagir contra a nomeação dos mandões d'alem da Falperra pela pedra e pela lama das ruas, reagia pela lama dos pasquins. Não fallamos das pasquinadas das gazetas braguezas, porque disso já ninguem faz caso.

Quem depois de ler estas citações e apontamentos deixar cahir os olhos prophanos sobre o n.º 2 da «Integridade do Districto», onde Guimarães pelos seus governadores civis, Braga pela sua população, são representados como um Pyldes e um Orestes, que suspiram um pelo outro, mesmo depois da ausencia, a que os fados os condemnaram, fica a suppor que a imprensa bragueza trata os seus benevolos leitores, como se elles fossem microcephalos, pelo menos.

Não se desenganam de que estas deploraveis contradicções só conseguem fazer descer o nivel moral da sua terra, ainda mais abaixo do grau marcado a 28 de novembro.

Hontem insolentes, hoje hypocritas, e sempre convencidos de que logram o mundo com as suas tretas!

Mais uma calunnia

Vamos dar aos nossos leitores mais um exemplo do modo desleal como a imprensa bracarense se tem havido em relação ao conflicto que ha 3 mezes se acha levantado entre as duas cidades.

Um jornal de Braga, que, pela indole religiosa com que se inculca, nos faria presumir que não azedaria esta pendencia, nem jamais recorreria a processos indignos e torpes, tem sido, contra a expectativa de muitos, um verdadeiro estendal de calunnias.

O «Commercio do Minho», o jornal a

que nos referimos, já pelo seu espirito d'invenção caluminosa, já pela sua *linguagem baixa* e infecta, tem occupado sempre nesta questão um dos lugares mais proeminentes.

Entre muitas, apreciaremos a mais recente.

No seu numero 1904, correspondente a 23 de fevereiro, narra elle o caso estupendo do trez cidadãos bracarenses, vindos a esta cidade para tractar de negocios, serem expulsos, apupados e enlameados pelos *escamados agitadores* d'esta terra que sobre elles despejaram as maiores injurias.

O articulista do jornal bracarense, que por certo tambem collaborou nas arruaças de 28 de novembro, ao sonhar ainda hoje com estes acontecimentos, confundio-se naturalmente e quiz attribuir a esta cidade generosa e hospitaleira aquillo que muito de direito pertence só á cidade de Braga.

A gloria covarde e pouco limpa, que o «Commercio do Minho» ha tempos tanto reclamava, fique-se lá com ella em paz, com o privilegio exclusivo d'aquelle genero de proezas.

Ninguem lhe disputa essas honrarias de que até hoje só a velha e religiosa cidade dos arcebispos e nenhuma outra do paiz pode gloriar-se.

Mas a invenção foi tam reles, a calunnia tam de-cabellada, que não pôde furtar-se a um desmentido formal e prompto.

Uma das suppostas victimas, o sr. Joaquim Maria Martins, a quem aquella noticia se referia, apressou-se a declarar a sua inteira falsidade n'uma carta publicada nos jornaes e que pode ler-se tambem n'uma correspondencia de Braga para a «Discussão» do dia 28 de fevereiro.

Este cavalheiro, explica do modo mais terminante e cathgorico que, longe de receber qualquer insulto n'esta terra, foi aqui sempre muito bem recebido e tractado, e incrimina merecidamente a falsidade com que a imprensa bracarense inventa e propala boatos d'aquella ordem.

O cynismo d'aquelle jornal é de sobejo conhecido para que por ventura possam incommodal-o estas demonstrações incontestaveis da vileza do seu character e da perversidade e baixeza dos seus instinctos.

Por isso, apreciando este facto nunca tivemos em vista revolver no monturo bracarense; quizemos apenas que o publico a quem ainda chegam aquelles miasmas possa conhecer com toda a exactidão a sua verdadeira natureza e tomar as precauções devidas.

São tantas e taes as falsidades que se publicam, é tal a desfaçatez com que se inventam, que não pôde deixar d'estabelecer-se a mais rigorosa quarentena para as procedencias jornalisticas de Braga.

Em Guimarães

No dia 21 de fevereiro os habitantes de Vizella e das freguezias vizinhas vieram em numero de muitos mil visitar os habitantes de Guimarães, e testemunhar-lhes que elles permaneciam firmes e inabalaveis na sua resolução, e animar-os a continuar os esforços para a annexação ao Porto.

A's 11 1/2 da manhã partiram do Tournal a associação commercial, o grupo dos Enthusiastas, os artistas de todas as industrias, os segundos e estes com as competentes bandeiras, os bombeiros voluntarios e municipaes, a commissão de vigilancia e enorme concurso de gente de todas as classes e condições a esperar os de Vizella.

A maior parte da gente e as diversas agremiações foram até á Vacca Negra; a commissão de vigilancia esperava-os no Castanheiro.

Cercá de meia hora da tarde volveu á cidade a immensa aglomeração de pessoas de Vizella e da cidade em numero de muitos milhares.

Os vivas eram atreadores. De todas as casas da rua d'Alegria, rua de Camões, Tournal e rua da Rainha, por onde o cortejo passou, eram lançadas sobre as bandeiras dos vizellenses, (uma das quaes representava o Porto dando a mão a Guimarães), e sobre a commissão de vigilancia nuvens de flores.

As damas a'enavam com os lenços e lançavam ramilhetes á commissão.

A multidão dirigiu-se á casa da camara, onde se achava a vereação, reunida em sessão extraordinaria.

A salla das sessões encheu-se completamente.

Na varanda dos Paços do concelho estava hasteada a bandeira municipal, ao lado da qual foram collocadas as diversas bandeiras, conduzidas pelos Enthusiastas e pelos artistas de Guimarães e povos de Vizella.

Aberta a sessão, o Sr. Dr. Abilio Torres, de Vizella, pronunciou um energico discurso demonstrando que a honra de Guimarães exigia que a lucta continuasse com o governo progressista como foi com o governo regenerador, e felicitando a camara pela sua attitude, e animando-a a proseguir com igual enthusiasmo, porque tinha a seu lado, como sempre teve, o concelho inteiro.

O Sr. Presidente da camara leu a seguinte mensagem :

Meus Senhores.

Os lamentaveis acontecimentos de 28 de Novembro ecoaram tristemente n'este concelho, e todos os seus habitantes se consideraram offendidos no seu brio e na sua honra.

Foi então que este povo tão digno e trabalhador se levantou como um só homem protestando com toda a energia contra a offensa recebida e mostrou bem claramente que n'esta bella terra de Portugal ainda ha quem sinte um insulto, ainda ha quem proteste contra uma injustiça, que o sentimento da honra se não apagou de todo ainda nos nossos corações.

Se o insulto foi grande e indigno d'uma terra civilizada, a satisfação devia egual-o. Foi por isso que o povo de Guimarães, reconhecendo que os nossos vizinhos d'alem Falperra eram nossos inimigos irreconciliaveis, e lembrando-se das antigas e tradicionaes antipathias entre os dous povos, resolveu solemnemente no grande meeting popular de 29 de Novembro desligar-se para sempre d'aquella que tão mal comprehendia o principio da hospitalidade, e romper para sempre com os oppressores da nossa liberdade, e que a unica satisfação digna e verdadeiramente á

altura da honra de Guimarães era a nossa annexação ao Porto.

A Camara Municipal de Guimarães, interpretando os sentimentos de todos os seus municipes e cumprindo o seu dever, collocou-se á frente de este movimento, e è-me grato declarar aqui que a camara continua e continuará sempre a occupar o seu posto d'honra, sustentando com a maxima firmeza e energia a grande pretensão d'este municipio—a sua annexação ao districto do Porto.

Por este proceder tem a camara recebido grandes provas de sympathia.

Os nossos patricios residentes no Porto não só enviaram a esta cidade uma grande commissão para adherir e felicitar a camara pela resolução tomada, mas não se poupando a incomodos foram a Lisboa levar ao Parlamento uma representação.

Em Coimbra e em Lisboa tem havido grandes manifestações de sympathia e adhesão; emfim, em toda a parte onde pulsa um coração vimaranense ha o sentimento da dignidade offendida e a vontade inabalavel da nossa união ao Porto.

No meeting concelhio realisado n'esta cidade em janeiro findo nós tivemos a satisfação de ver os povos de Vizella largamente representados.

Hontem foram os das Taipas que n'um comicio imponentissimo protestaram energeticamente contra as mentiras cavilosas de Braga e adheriram com toda a boa vontade dos seus corações á idéa da annexação ao Porto: hoje sois vós, os habitantes da parte mais bella do concelho, que nos vindes dizer: Nós tambem fomos offendidos em Braga, nós tambem temos brio e dignidade—nós tambem queremos ir para o Porto,—hoje são os habitantes de Vizella que veem dizer—vós tendes procedido digna e correctamente, continuai assim e tereis sempre o nosso apoio franco e leal.

Sede pois bem vindos, Senhores. Hoje é dia de gala em Guimarães e por largo tempo nos recordaremos d'esta festa tão sympathica e tão significativa.—Quando em Braga já se cantava victoria, quando os de Braga já julgavam que nos continuariam a espinhar e a escravizar, os povos das formosas margens do Vizella vieram incutir-nos coragem para continuarmos a lutar por esta grande idéa, vieram dar-nos a certeza de que o povo d'este concelho tem firmeza e união, duas cousas hoje mais do que nunca absolutamente indispensaveis para realisarmos a grande aspiração d'este municipio.

E è por isso que a camara municipal de Guimarães, reunida hoje em sessão extraordinaria, se congratula pela visita que vos dignastes fazer-lhe e resolveu lançar na acta um voto de louvor á dignissima commissão de defeza Vizellense, protestando assim o seu reconhecimento e muita gratidão.

E terminando, eu em nome da camara municipal de Guimarães e interpretando os sentimentos d'esta cidade, peço-vos, Senhores, que vos digneis ser os interpretes d'estes nossos sentimentos junto dos vossos briosos companheiros.

Em seguida o Sr. Presidente concedeu a palavra aos srs. Domingos Leite de Castro Drs. José da Cunha Sampaio e Antonio Motta Prego, os quaes todos affirmaram a inabalavel intenção de hoje mais que nunca per-

tencer ao Porto, e fizeram ver que os meios de conseguir essa aspiração eram a união e persistencia de todos os vimaranenses. Foram muito applaudidos

Sairam á varanda a camara, os Srs. Dr. Abilio, J. P. da Silva e Castro, Clemente d'Oliveira, e outros de Vizella; e o Sr. Presidente da camara, tomando a bandeira, levantou vivas a Vizella, ás Taipas, a todo o concelho, ao Porto, á união ao Porto, ao deputado, aos artistas, ao commercio de Guimarães, etc. etc., calorosamente correspondidos pela immensa gente que enchia a vasta praça da Oliveira.

Foram chamados os Srs. Conde de Margaride e Gaspar Lobo, que saindo á varanda foram alvo de enthusiastica manifestação.

A's 4 horas da tarde partiu da praça da Oliveira o cortejo, sendo os povos de Vizella acompanhados até á Vacca Negra pelos habitantes de Guimarães.

No trajecto pelas ruas da cidade reinou o mesmo euthusiasmo que á chegada.

Continuam no mesmo estado de firmesa e união os vimaranenses.

As senhoras resolveram bordar uma bandeira para ser offerecida á commissão de vigilancia, com a legenda «Antes quebrar que torcer». Resolveram mais enviar uma representação a S. M. a Rainha pedindo-lhe a sua protecção para que seja feita justiça a Guimarães.

Esteve ha dias em Guimarães o Snr. Dr. Alves da Veiga, apostolo das ideias democraticas no norte do paiz. No hotel da Oliveira, onde se achava hospedado, foi cumprimentado por pessoas de todas as classes e condições em reconhecimento dos serviços que S. Ex.^a e o partido de que é illustre membro tem prestado á causa de de Guimarães.

Todas as casas da cidade se acham embandeiradas com umas pequenas bandeiras em que se lê: União ao Porto.

E' uma manifestação pacifica, mas significativa, dos animos dos vimaranenses.

Para as freguezias ruraes têm ido muitas bandeiras.

A commissão de vigilancia tem reunido com frequencia, e têm sido importantes as resoluções tomadas.

Domingo houve um imponente meeting concelhio, de que fallaremos no numero seguinte.

Tem sido mantida a ordem, porque todos os vimaranenses estão convencidos de que a sua perturbação prejudicará a causa santa e justa, por que este concelho pugna.